



MANIFESTO

Se é fato que os homens e as mulheres constroem a História – porém não fazem isso segundo sua própria vontade, mas de acordo com as condições materiais que têm ao alcance de suas mãos e que o tempo em que vivem possibilita –, também é verdade que, ao intervirem na História, ao construírem sua própria história, são herdeiros daquilo e daqueles que vieram antes. De forma consciente ou não.

O Instituto Estação Paraíso, nesse sentido, assume para si um compromisso: colocar-se como um coletivo que buscará dar continuidade a um ideário e a uma luta há muito iniciada e sonhada, conforme a dedicatória do livro *Tiradentes, um presídio da ditadura*, prenunciou: “Àqueles que, no futuro, tornarão realidade o ideário que orientou a nossa luta” [1]. Estudando, analisando, avaliando, criticando e produzindo não um fio de continuidade vazio e sacralizado, mas o exercício constante de pensar e repensar as formas e os conteúdos que possam contribuir com a construção de uma sociedade solidária, orientada pelos e para os trabalhadores.

Sim, uma sociedade socialista. Mas sem esquecermos que:

A questão do socialismo não é uma questão subjetiva, não depende de nossa vontade; depende – isso sim – das contradições do próprio capitalismo, da luta de classes, que continua firme e violenta, e da superação dessas contradições em favor da maioria dos cidadãos nas sociedades em que estão inseridos, satisfeitas as necessidades básicas de cada um. [1]

Essas necessidades, no entanto, como alertou Alípio Freire, em 1982, não são apenas econômicas:

(...) É preciso tratar do que vai por dentro de cada um de nós. É preciso tratar de toda a ansiedade, de todos os desejos, de toda a perspectiva e de todo sonho que temos dentro da gente e que a classe trabalhadora toda em conjunto tem dentro de si. Isso é fundamental para a gente chegar lá. Do contrário, nós viraremos uns burocratas, uns velhos, um aparelho, uma máquina. Teremos um Estado forte, faremos guerras. E não faremos nada além disso. Daremos mais um sapato para João, mais um vestido para Maria. Mas a felicidade não é só isso, embora isso seja indispensável para a felicidade. Nós queremos o sonho. Como diria Calígula, “nós queremos a lua, algo que seja aparentemente impossível, e nós teremos a lua”. [2]

O que o poeta disse durante aquela festa para o lançamento da campanha eleitoral de sua candidatura a deputado federal permanece atual. Para todas e todos nós:

A questão do socialismo continua posta para os jovens brasileiros de hoje. Mas (...) não se faz a mesma revolução duas vezes. Sendo o mesmo, o mundo é outro, o contexto é outro, as condições subjetivas e objetivas são outras, é outra a organização internacional. Não se transplanta mecanicamente uma experiência de luta revolucionária. Há que estudar como atuar sobre ela. [1]

E, sim, por óbvio, este Instituto está relacionado à vida e à obra de Alípio Freire. Mas é fundamental demarcar que não se trata de um memorial a uma personalidade, de um altar de loas a um indivíduo ou de um grupo dedicado à catalogação dos passos e espirros de um único homem. Este coletivo “declina qualquer parceria” com o personalismo, a santificação e o olimpo dos salvadores-da-pátria, como fizera o poeta e sua poesia:

POUR MARX

O romantismo socialista propõe suas premissas

O bon-ouvrier A colheita de batatas

O pastoreio de porcos

Ressabiada a poesia declina qualquer parceria. [3]

Naquele momento, o poeta falava da idealização da política, da estética artística como um manual de instruções e boas maneiras, dirigindo uma crítica às proposições e aos usos do realismo socialista. Embora sejam questões diferentes (o personalismo, o romantismo e o realismo socialista), são alicerçadas em princípios similares. E o que este coletivo se propõe construir se pauta pela compreensão de que a política e a arte são processos coletivos, como toda atividade humana, e tributária de uma tradição:



INSTITUTO
ESTAÇÃO PARAÍSO
ALIPIO FREIRE

(...) (para o bem ou para o mal – queiramos ou não) e que precisamos conhecer o melhor possível para avançarmos em qualquer rumo – mesmo que pretendamos rupturas. [3]

Por que um Instituto? Para que este Instituto?

O Instituto Estação Paraíso possibilitará um corpo jurídico, através de uma razão social, para as ações que o coletivo avalia (ou venha a avaliar) necessárias desenvolver. É uma contingência deste tempo histórico e da sociedade capitalista que se sigam alguns trâmites legais cuja transparência com órgãos reguladores do Estado, bancos e eventuais apoiadores (físicos e jurídicos), seja assegurada evitando problemas futuros.

É uma medida fundamental para que possamos manter um espaço físico no qual as ações do Instituto sejam planejadas e desenvolvidas. Trata-se de uma garantia aos direitos e à segurança daqueles e daquelas que porventura venham a trabalhar ou prestar algum serviço para esta entidade.

Mas isso é só um arcabouço legal e um nome.

Uma entidade jurídica, na verdade, não faz nada. Atrás de seu nome, de sua logomarca, de sua sede e de seu CNPJ, está o trabalho realizado por seres humanos ali empregados ou comprometidos com a entidade. Esse trabalho, por sua vez, está atrelado a uma opção política, a um viés ideológico, a um compromisso de classe (ou com uma classe), a uma concepção de mundo.

O Instituto Estação Paraíso só tem sua razão de ser para se construir como espaço aberto à classe trabalhadora e demais classes exploradas e oprimidas, comprometido com o trabalho militante, político, artístico, literário, memorialista e cultural, focado na confirmação da construção de uma sociedade socialista, igualitária, justa e equitativa.

Para isso, o Instituto será pautado por valores de solidariedade e justiça social a fim de que cidadãos e cidadãs se afirmem como criadores, e possam se expressar através de diferentes linguagens: plásticas, literárias, cinematográficas, jornalísticas, históricas, entre outras que sejam necessárias e pertinentes a essas expressões. Também visa possibilitar a construção de um aprendizado constante e perene sobre as práticas e teorias elaboradas, através da qual sejam favorecidas e valorizadas as narrativas construídas na luta dos trabalhadores pela transformação do mundo. Afinal:

O mundo está coberto de signos, representações, fala(s) da(s) cultura(as). Discursos inteiros ou truncados: signos isolados ou códigos que normatizam e/ou articulam esses signos em sistemas, em diversas linguagens – visuais, auditivas, sensoriais em geral. É através dessas representações que os grupos sociais e/ou indivíduos comunicam-se, dialogando ou não. [4] Porém o entendimento desses signos e dos mecanismos de seus usos não ocorre por osmose, pois uma coisa é habituar-se com eles no cotidiano, outra é estabelecer uma relação não alienada nem alienante. O domínio e o controle dessas comunicações por uma minoria em detrimento das majorias tornam-se, portanto, um importante instrumento de dominação social, política e econômica. [4]

É nesse sentido que o Instituto se dedicará tanto a promover e facilitar a compreensão dos signos estabelecidos quanto valorizará a criação de novos, estimulando a experimentação das várias possibilidades de expressão e seu papel no desenvolvimento das subjetividades dos indivíduos e na interferência objetiva no mundo. Isto porque as linguagens não devem ser encaradas como ferramentas mecânicas de comunicação:

Ler e escrever é verdadeiramente importante quando se conforma em criação. Em conhecimento. Se a relação do leitor com textos (inclusive o seu próprio) não for dialógica, nada se criará. Repetir-se-ão monocordicamente velhas formas à esquerda ou à direita. Sem encarmos a tensão permanente entre o saber da experiência individual e coletiva e a sua representação simbólica (falada ou escrita), nossas palavras pouco avançarão além da comunicação trocada entre aves através de pios ou grasnados, ou o chacoalhar de répteis. [4]

O Instituto se dedicará, por isso, a um trabalho formativo e educativo. No campo das artes, é importante aprofundar os exercícios de criação no fazer artístico, desenvolvendo possibilidades de observações da pintura, do desenho, da colagem, da música, da dança, do teatro, do cinema, do audiovisual, da leitura coletiva, da literatura etc.



INSTITUTO
ESTAÇÃO PARAÍSO
ALIPIO FREIRE

Tendo sempre em vista o conhecimento de suas histórias, a percepção de suas determinações políticas sempre existentes, a favor ou contra, do estado estabelecido das coisas, seus autores tendo ou não consciência disso. E a compreensão e a fruição de que os signos, os discursos encontrados nas expressões artísticas humanizam a existência e não são um item supérfluo na história humana. É o que tem nos ensinado o tempo, como cabe a ele, e:

Como cabe aos homens e às mulheres que o criam e recriam a cada aurora ou a cada entardecer, expressando com símbolos suas mutações. [4]

No campo do jornalismo, cumprindo seu papel na comunicação de massas, é preciso favorecer a compreensão de seus objetivos na sociedade e valorizar a produção e a difusão dos fatos como ferramenta na luta dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Impossível pensar em democracia sem pensar na plena garantia do direito de acesso e produção de conhecimento, sem o pleno direito à expressão, ao domínio da comunicação e seus instrumentos; sem o pleno direito ao verbo de modo que este se faça carne; sem o pleno direito à fala. [4]

Será preciso também reunir, organizar e preservar a verdade e a memória coletiva como um direito, através do reconhecimento público de histórias e testemunhos, como forma de contrapor as versões oficiais. Isto demanda um trabalho de pesquisa, transmissão e valorização de versões históricas da realidade brasileira que afirmem e resgatem as lutas dos trabalhadores, das trabalhadoras e das demais classes oprimidas e exploradas. Pois nos filiamos ao entendimento de que para transformar a realidade é preciso antes conhecê-la, e que a transformação radical dessa sociedade depende do envolvimento consciente de todos e de cada um, não se devendo compactuar:

(...) com que a maioria dos homens e mulheres continue a transferir para outrem – homens ou deuses – o direito de decisão sobre seus destinos, em vez de tomá-los nas próprias mãos. [4]

No bojo dessas ações de preservação da memória, o Instituto vai organizar, digitalizar, conservar e divulgar o acervo documental de Alípio Freire.

Um trabalho assim, contudo, não se realiza sozinho. Por isso buscaremos parcerias com indivíduos, entidades e movimentos populares que estejam, obviamente, comprometidos com os mesmos valores que defendemos.

Aqui apresentamos os objetivos e as intenções do Instituto Estação Paraíso. Ainda não temos condições de saber exatamente o que as ações deste coletivo podem alcançar ou como elas podem se desdobrar no tempo e no espaço.

O saber é o saber historicamente possível. É ingenuidade ou má-fé pensar que era historicamente possível para aquela geração, para aquele conjunto de jovens revolucionários, ter o mesmo saber histórico que se tem hoje. [1] Com aquilo que temos em mãos, portanto, é que nos lançamos nessa empreitada, “assoviando uma velha melodia”. [3]

Certos de que não estamos sozinhos na empreitada, de que não sonhamos solitários um mundo livre de toda exploração e opressão do ser humano pelo ser humano, de que é preciso pão e arte e poesia e política e festa, de que a luta continua.

A luta sempre continua!



REFERÊNCIAS [1] FREIRE, Alípio; ALMADA, Izaías; PONCE, J. A. de Granville (org.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**: memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. [2] NADA será como antes. Nada? Diretor: Renato Tapajós. Produção: Áurea Gil. São Paulo: Tapiri Cinematográfica, 1984. (A transcrição da fala foi retirada de: <https://jacobin.com.br/2021/05/alipio-freire-uma-ponte-ludica-para-a-utopia/>). [3] FREIRE, Alípio. **Estação Paraíso**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. [4] FREIRE, Alípio. Posfácio. In: **Diadema Centro Cultural** (Diadema: Departamento de Comunicação da Prefeitura Municipal de Diadema). Diadema: Spel Gráfica & Editora 1996.